
Análise Textual: O Nome ‘Babel’

Parashat Noah | Porção “Noé” | Gn. 6:9-11:32

Autoria: Sha’ul Bensiyon

“Como saber que um texto semita é poético?” - Essa é uma pergunta que costumo ouvir com frequência.

É difícil dividir textos semitas a partir de conceitos ocidentais. Os semitas tinham por hábito misturar narrativas com contos. Isto é, narrar um acontecimento histórico com propósito de ensinar uma lição.

Isso é algo totalmente oposto à nossa realidade ocidental, pois prezamos pela historicidade milimétrica na narrativa de acontecimentos.

O texto desta parashá traz um divertido jogo de palavras, ao dizer:

עַל-כֵּן קָרָא שְׁמָהּ בָּבֶל, כִּי-שָׁם בָּלַל יי שִׁפַּת כָּל-הָאָרֶץ

`al ken qará shemah bavel, ki sham balal YHWH shefat kol-ha’ares.

E assim se chamou seu nome Bavel, porque lá o Eterno confundiu (balal) a língua de toda terra..

Ora, é evidente que os fundadores da cidade jamais tiveram a intenção de chamá-la de “confusão” ou coisa parecida. Nenhum israelita que ouvisse tal coisa assim entenderia.

Na realidade, sabemos que o nome Bavel vem de Bab-Ilu, que literalmente significa “portão de Deus”, o que condiz com a condição da cidade de ser um grande e importante centro não só de um reino, como também de seu culto religioso.

Ou seja, o texto faz, na realidade, um bem-humorado trocadilho entre o nome da cidade, e a confusão que ela veio a se tornar.

Tais trocadilhos não são raros na cultura semita. E indicam que o texto deseja transmitir uma ideia, muito mais do que uma narrativa literalmente histórica.

Nese caso, a mensagem é a humilhação da arrogância humana. Aquilo que tinha sido chamado de “portão de Deus” agora servia apenas como um lugar de confusão.

O ser humano é capaz de realizar coisas grandiosas. Não é o ato em si que torna isso iníquo. Muito pelo contrário, se o Eterno criou o homem com capacidade de evoluir e progredir, e ainda enaltece em vários pontos o labor coletivo, é apenas razoável imaginar que essa seja sua vontade.

Porém, não foi o que ocorreu na Torre de Babel. Neste caso, vemos o orgulho e a vaidade humana operando em prol da individualidade, e não do bem estar coletivo.

Por essa razão, a punição é análoga ao problema: A confusão de línguas, tal como o egocentrismo dos poderosos, impediria que homens trabalhassem juntos.

Quando, portanto, avaliamos nossos atos, não devemos nos fixar tão somente no exterior, mas sim avaliar se nossas motivações são nobres.